

**Garrincha sob a ótica do herói: uma análise  
de Garrincha, alegria do povo e Estrela solitária**

*Garrincha from the hero perspective: an analysis  
of Garrincha, alegria do povo and Estrela solitária*

José Carlos Marques

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Bauru / Brasil  
zeca.marques@uol.com.br

Bruno Navarini Rosa

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Bauru / Brasil  
b\_navarini@hotmail.com

**Resumo:** O presente estudo tem por objetivo analisar as narrativas presentes no documentário *Garrincha, alegria do povo* (1963, direção de Joaquim Pedro de Andrade) e a biografia *Estrela solitária – um brasileiro chamado garrincha*” (1995, Ruy Castro), estabelecendo uma comparação entre as trajetórias do futebolista Mané Garrincha retratadas nestas duas obras e a estrutura da Jornada do Herói de Joseph Campbell, um dos mais renomados estudiosos da mitologia universal. As reflexões propostas visam analisar a possibilidade de enquadramento do atleta no âmbito do mito, o que se dá pela verificação da passagem de Garrincha pelo núcleo *Separação–Iniciação–Retorno* do monomito, percurso padrão da aventura mitológica do herói, uma figura predestinada a superar desafios e a realizar feitos grandiosos.

**Palavras-chave:** Garrincha; Jornada do Herói; Ruy Castro; Joseph Campbell; Joaquim Pedro de Andrade.

**Abstract:** The purpose of this study is to analyze the narratives in Joaquim Pedro de Andrade’s documentary *Garrincha, alegria do povo*

(1963) and the biography *Estrela solitária – um brasileiro chamado Garrincha* (1995), by Ruy Castro. We aim to draw comparisons between the career of footballer Mané Garrincha and the Hero's Journey Monomyth, by Joseph Campbell, one of the most renowned scholars of universal mythology. The reflections aim to analyze Garrincha's status in the context of myth, as he goes through the *Separation–Initiation–Return* stages from monomyth, a standard path of the mythological hero's adventure, seen here as someone destined to overcome challenges and accomplish great things.

**Keywords:** Garrincha; hero's journey; Ruy Castro; Joseph Campbell; Joaquim Pedro de Andrade.

Recebido em: 28 de agosto de 2016.

Aprovado em: 14 de dezembro de 2016.

## Do anonimato ao estrelato

Garrincha, alcunha do renomado futebolista brasileiro que fez história ao defender especialmente a Seleção Brasileira e o Botafogo de Futebol e Regatas, nasceu Manuel Francisco dos Santos em 28 de outubro de 1933, no pequeno distrito de Pau Grande, pertencente à cidade de Magé – Estado do Rio de Janeiro. Ganhou o mundo conhecido pelo apelido, que lhe foi dado pela irmã em alusão a um típico pássaro existente na região. Mais do que pelas conquistas e gols marcados, o atleta fascinou o universo futebolístico pela magia, ousadia e simplicidade com a qual encarava o esporte, prática improvável para ele, tendo em vista a anomalia que trazia nas próprias pernas.

A conquista das Copas do Mundo de 1958 e 1962 com o Brasil, bem como as jogadas célebres realizadas com a camisa do Botafogo, chamaram a atenção dos fãs, da imprensa e também de escritores e diretores, que trataram de retratar o jogador em algumas de suas obras. No âmbito cinematográfico, destaca-se o documentário cinemanovista<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Referência ao Cinema Novo, movimento da década de 1960 no Brasil que almejava, entre outras coisas, a realização de um cinema que se contrapusesse à produção comercial dos grandes estúdios.

*Garrincha, alegria do povo* (1963), de Joaquim Pedro de Andrade, longa-metragem pioneiro tanto por ser o primeiro do gênero a abordar a temática do futebol no país, quanto pelo roteiro biográfico de um personagem ainda em seu auge atlético, já que o filme foi lançado apenas um ano após a conquista do bicampeonato no Mundial do Chile, em 1962. De acordo com levantamento realizado pelo professor Victor Andrade de Melo, Garrincha esteve presente ou foi representado em outras 13 obras audiovisuais,<sup>2</sup> contando tanto curtas quanto longas-metragens, o que evidencia ainda mais a importância e representatividade adquirida pelo atleta.

Já no campo da literatura, além de inspirar nomes como Vinícius de Moraes (autor do poema “O anjo das pernas tortas”), Nelson Rodrigues e Carlos Drummond de Andrade, Garrincha foi o protagonista da biografia *Estrela solitária – um brasileiro chamado Garrincha*, de Ruy Castro (1995), dossiê sobre a história do atleta para o qual o biógrafo realizou mais de 500 entrevistas com 170 pessoas e que mantém algumas das características já identificadas na produção de Joaquim Pedro de Andrade.

Neste artigo, nosso objetivo é analisar estas duas obras (o documentário e a biografia) estabelecendo uma comparação entre as trajetórias do futebolista Mané Garrincha e a estrutura da Jornada do Herói de Joseph Campbell, estudioso dos mais renomados no que diz respeito à mitologia universal. As reflexões propostas visam verificar a passagem do atleta pelo núcleo *Separação–Iniciação–Retorno* do monomito, percurso padrão da aventura mitológica do herói, uma figura predestinada a superar desafios e a realizar feitos grandiosos.

## **O mito no esporte e a Jornada do Herói proposta por Joseph Campbell**

O termo *mito*, na linguagem convencional, remete a uma narrativa que faz parte de uma ficção ou de uma fábula. Contudo, como destaca o historiador romeno Mircea Eliade, uma nova abordagem, originada

---

<sup>2</sup> *O preço da vitória* (1958); *Esportes no Brasil* (1966); *Voltar é conquistar duas vezes* (1969); *70 anos de Brasil (da Belle Époque a nossos dias)* (1972); *Futebol total* (1974); *Mané Garrincha* (1978); *O incrível Mané Garrincha* (1978); *Cinema e futebol* (1980); *Asa branca, um sonho brasileiro* (1981); *Heleno e Garrincha* (1987); *Nós que aqui estamos por vós esperamos* (1999); *Garrincha* (2002); *Garrincha, a estrela solitária* (2003) (Cf. MELO. Garrincha x Pelé: futebol, cinema, literatura e a construção da identidade nacional).

entre os estudiosos ocidentais do século XX, sugere outra concepção, semelhante à das sociedades arcaicas, em que o mito é tido como história verdadeira, preciosa, sagrada e significativa.<sup>3</sup> A dificuldade em definir um conceito universal para o mito é evidente, mas, basicamente,

[...] o mito conta uma história sagrada, relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, o tempo fabuloso dos “começos”. Noutros termos, o mito conta como, graças aos feitos dos Seres Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, quer seja a realidade total, o Cosmos, quer apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narração de uma “criação”: descreve-se como uma coisa foi produzida, como começou a existir. O mito só fala daquilo que realmente aconteceu, daquilo que se manifestou plenamente.<sup>4</sup>

A proposta de alargamento da compreensão do mito é levada a cabo pelo semiólogo francês Roland Barthes, em *Mitologias*. Para ele, o mito é um sistema de comunicação não definido a partir do objeto que compõe a mensagem, mas sim pela maneira como é proferida. Tal premissa permite que o mito ultrapasse as fronteiras da oralidade, vindo a habitar também campos como o do cinema, da publicidade, da fotografia, do esporte, entre outros. Basicamente, “tudo pode constituir um mito, desde que seja suscetível de ser julgado por um discurso”.<sup>5</sup> Dessa forma, é possível constatar a existência de elementos referentes ao mito também no esporte, o que ocorre não apenas pela forma como o discurso narrativo da atividade se desenvolve, mas especialmente pela presença do atleta de alto rendimento, uma vez que, segundo a professora e pesquisadora esportiva Katia Rubio, tal figura é um exemplo significativo da transposição para os dias atuais do herói mitológico, já que, em dias de competições, as quadras, piscinas e campos se assemelhariam ao palco onde as grandes aventuras aconteciam.<sup>6</sup>

Dentro da multiplicidade de questões que envolvem o âmbito da mitologia universal, Joseph Campbell propôs, em sua obra *O herói*

---

<sup>3</sup> ELIADE. *Aspectos do mito*.

<sup>4</sup> ELIADE. *Aspectos do mito*, p. 13.

<sup>5</sup> BARTHES. *Mitologias*, p. 131.

<sup>6</sup> RUBIO. *O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo*.

*de mil faces* (2007), a ideia de que existem mais semelhanças do que diferenças entre as narrativas mitológicas. Mais do que isso, a comparação realizada em um amplo leque de contos folclóricos e mitos das mais variadas épocas, culturas e religiões permitiu-lhe o desenvolvimento de uma estrutura comum, capaz de resumir as aventuras mitológicas de heroísmo em uma única história, sendo que, basicamente, “pode-se até afirmar que não existe senão um herói mítico, arquetípico, cuja vida se multiplicou em réplicas, em muitas terras, por muitos, muitos povos.”<sup>7</sup>

Dessa forma, não importando a época ou local do mundo, toda narrativa do herói consistiria em uma jornada na qual o protagonista deve passar pelas provações de três estágios: a *Separação*, a *Iniciação* e o *Retorno*. Estas estâncias formam o conceito do monomito, base para a Jornada do Herói de Joseph Campbell, e que pode ser, de maneira resumida, entendida da seguinte forma:

Um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes.<sup>8</sup>

Por sua vez, os tópicos do monomito estão divididos em uma série de etapas, que permitem entender melhor a evolução do herói, bem como as escolhas e os obstáculos que fazem parte da aventura mitológica. Entretanto, é importante ressaltar desde o início que, apesar de universal, a estrutura não é de forma alguma fechada e imutável:

Muitos contos isolam e ampliam grandemente um ou dois elementos típicos do ciclo completo (o motivo do teste, o motivo da fuga, a abdução da noiva); outros encadeiam um certo número de ciclos independentes e os transformam numa série simples (tal como ocorreu na *Odisseia*). Diferentes personagens ou episódios podem ser fundidos(as), assim como um elemento simples pode reduplicar-se e reaparecer sob muitas formas diferentes.<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> CAMPBELL. *O poder do mito*, p. 145.

<sup>8</sup> CAMPBELL. *O herói de mil faces*, p. 36.

<sup>9</sup> CAMPBELL. *O herói de mil faces*, p. 242.

Com relação à mobilidade e flexibilidade das etapas que constituem a jornada, o roteirista *hollywoodiano* Christopher Vogler chama a atenção para a individualidade existente dentro da estrutura, uma vez que

[a] Jornada do Herói é uma armação, um esqueleto, que deve ser preenchido com os detalhes e surpresas de cada história individual. A estrutura não deve chamar a atenção, nem deve ser seguida com rigidez demais. A ordem dos estágios que citamos aqui é apenas uma das variações possíveis. Alguns podem ser eliminados, outros podem ser acrescentados. Podem ser embaralhados. Nada disso faz com que percam seu poder.<sup>10</sup>

A *Separação*, primeira fase do monomito, é dividida por Campbell em cinco outras partes. Primeiramente, o herói, já ciente dos seus talentos que o distinguem dos homens comuns, depara-se com “o chamado da aventura”, uma espécie de convocação para que o protagonista abandone o mundo humano e ingresse no desconhecido, onde os desafios lhe aguardam. Diante da convocação do próprio destino, é normal que o indivíduo fraqueje e recuse o convite. Eis a “recusa do chamado”. Mas aqueles que resolvem ingressar na aventura se deparam com o “auxílio sobrenatural”, oportunidade na qual o herói é auxiliado por uma figura protetora que o ajuda a se sentir seguro com o rumo do seu destino. O herói realiza, então, a “passagem pelo primeiro limiar”, que seria o cruzamento da fronteira que separa o mundo comum do universo onde a aventura se desenrolará.

Além desses limites, estão as trevas, o desconhecido e o perigo, da mesma forma como, além do olhar paternal, há perigo para a criança e, além da proteção da sociedade, perigo para o membro da tribo. A pessoa comum está mais do que contente, tem até orgulho, em permanecer no interior dos limites indicados, e a crença popular lhe dá todas as razões para temer tanto o primeiro passo na direção do inexplorado.<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> VOGLER. *A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores*, p. 67.

<sup>11</sup> CAMPBELL. *O herói de mil faces*, p. 82.

A última etapa do item *Separação* é intitulada “ventre da baleia”, com o intuito de simbolizar o lançamento do herói no desconhecido, uma verdadeira experiência de morte em prol do renascimento do próprio ser.

O próximo item do monomito é a *Iniciação*, ciclo que narra os passos do herói já devidamente separado do mundo natural. O “caminho de provas” apresenta ao protagonista todas as dificuldades que ele encontrará em sua jornada, por meio de uma sucessão de provas que deixam claro que “a partida original para a terra das provas representou, tão somente, o início da trilha, longa e verdadeiramente perigosa, das conquistas da iniciação e dos momentos de iluminação”.<sup>12</sup>

Todas as próximas fases do tópico *Iniciação* ocorrem como uma espécie de preparação para a aventura última do herói, que é vista como a conquista do principal objetivo da jornada, o elixir. No “encontro com a deusa” e com a “mulher como tentação”, a imagem feminina é apresentada como símbolo da vida, oportunidade na qual o herói conquista o *status* de mestre. Já na “sintonia com o pai”, o indivíduo, em contato dessa vez com a figura masculina, obtém a sabedoria necessária para livrá-lo dos terrores da ignorância, condição que é atingida em plenitude na etapa “apoteose”. Uma vez pronto, o herói ingressa em sua “bênção última”, grande aventura da jornada, que, apesar da grandiosidade, não deve apresentar muitas dificuldades ao herói, já que ele atingiu sua condição superior à dos humanos convencionais.

A facilidade com que a aventura é realizada aqui significa que o herói é um homem superior, um rei nato. Essa facilidade distingue numerosos contos de fadas, bem como todas as lendas das façanhas de deuses encarnados. Onde o herói comum teria um teste diante de si, o eleito não encontra empecilho e não comete erros.<sup>13</sup>

Por fim, é dado o momento de o herói vivenciar a última categoria do monomito, o *Retorno*. Novamente, o escolhido depara-se com uma difícil escolha: o retorno ao mundo comum traz consigo a responsabilidade de disseminar o conteúdo assimilado na aventura e a de viver como um herói em meio aos humanos. Dessa forma, também é normal que o herói relute e vivencie a “recusa do retorno”. Mas, a partir do momento que o indivíduo entende que seu destino deve ser cumprido,

<sup>12</sup> CAMPBELL. *O herói de mil faces*, p. 110.

<sup>13</sup> CAMPBELL. *O herói de mil faces*, p. 163.

ele embarca na etapa de regresso, que pode tanto ser realizada de maneira tranquila ou turbulenta. Eis a passagem da “fuga mágica”, do “resgate com auxílio externo”, que ocorre quando o protagonista não consegue retornar por si só e “o mundo tem de ir ao seu encontro e recuperá-lo”;<sup>14</sup> e a “passagem pelo limiar do retorno”, que simboliza, enfim, a travessia de volta do herói. Finalmente, as etapas “senhor dos dois mundos” e “liberdade para viver” simbolizam as grandes conquistas permanentes do protagonista diante da aventura vivida: o poder de transitar quando desejar entre os mundos comum e desconhecido, bem como a dádiva de compartilhar a sabedoria, o elixir, conquistado durante a jornada.

A ideia geral é que é preciso demonstrar aquilo que você foi recuperar, o potencial irrealizado, não utilizado, em você. O sentido dessa jornada é a reintrodução desse potencial no mundo, ou seja, naqueles que vivem no mundo. Deve-se devolver esse tesouro do saber e integrá-lo à vida racional. Nem preciso dizer, isso é muito difícil. Resgatar a dádiva pode ser mais difícil do que descer às profundezas de si mesmo.<sup>15</sup>

Uma vez explicitado o percurso da aventura do herói, passemos ao estabelecimento das comparações entre a estrutura proposta por Joseph Campbell e as narrativas construídas sobre a trajetória de Garrincha tanto no documentário *Garrincha, alegria do povo* quanto no livro *Estrela solitária – um brasileiro chamado Garrincha*, com o intuito de verificar se o protagonista cumpre o requisito necessário para assumir sua condição de figura mitológica: atravessar as três etapas do monomito.

## Os “Garrinchas” de Joaquim Pedro de Andrade e de Ruy Castro

A primeira análise abordará o longa-metragem de Joaquim Pedro de Andrade, que optou por uma criação não linear em seu trabalho, atendendo a mais um preceito do Cinema Novo, que pregava uma recusa à tradicional montagem *hollywoodiana* (estruturada em início, meio e fim bem definidos). O filme inicia a apresentação dos créditos ao som do samba-enredo da Portela intitulado “Brasil glorioso”, cuja letra enaltece

---

<sup>14</sup> CAMPBELL, *O herói de mil faces*, p. 206.

<sup>15</sup> CAMPBELL. *Mito e transformação*, p. 143.



as belezas e riquezas do país. Súbito, temos uma pausa e apresenta-se, ao som de um surdo, uma série de fotografias publicadas no *Jornal do Brasil* e na revista *O Cruzeiro*: a primeira imagem é a de Garrincha diante de um cachorro, dentro do campo. A impressão que se tem é a de Mané estar brincando com o animal ou tentando pegá-lo para que o jogo se reinicie. Nas fotografias que se seguem, vemos cenas de dribles de Garrincha diante de adversários atônitos – alguns *closes* evidenciam os rostos dos marcadores de Mané.

Em seguida, temos a Jornada do Herói vivida pelo indivíduo, nas imagens que consistem em apresentá-lo já em ação com a camisa da Seleção Brasileira. É possível concluir que, no mínimo, o atleta vivenciava a etapa denominada “caminho de provas”, caracterizada pelo enfrentamento de diversas provações para testar a capacidade do herói em triunfar e demonstrar o seu valor. Uma vez que o “caminho de provas” é fase pertencente ao item *Iniciação* do monomito, é necessário identificar elementos na obra que comprovem a passagem de Garrincha pela primeira etapa do ciclo: a *Separação*. Os elementos que mostram a transição do atleta pela fase inicial da estrutura, ou, pelo menos, por algumas das etapas que a compõem, aparecem mais adiante no documentário:

Pincel, Swing e Altair são mais que amigos de Garrincha. Espécie de secretários que o acompanham para todo lado. Sóbrios, discretos, não procuram tirar nenhum partido da fama e do prestígio de Mané. Cresceram juntos, identificados na vida de meninos pobres. Frequentaram a mesma escola e juntos se iniciaram no ofício de tecelões da fábrica que rege toda a vida da cidade. Hoje, como antes, os amigos de Garrincha continuam operários da fábrica de tecidos. Trabalham oito horas por dia e recebem salário-mínimo. Como jogador de futebol, Garrincha ganha atualmente cerca de 500 mil cruzeiros por mês. No tempo em que trabalhava na fábrica era mau operário. Conseguia dormir em meio ao barulho infernal das máquinas. Várias vezes esteve para ser demitido, mas sua demissão era sempre protelada para uma segunda-feira para que ele jogasse mais um domingo pelo time da fábrica. Na segunda-feira, a demissão não podia se consumir. Cada domingo, Garrincha fazia os gols da vitória e subia mais na estima dos companheiros [...].<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> GARRINCHA, alegria do povo, transcrição nossa.

O referido episódio narrado pela voz *over* exemplifica tanto o “chamado da aventura”, oportunidade na qual a habilidade em praticar o futebol já se manifestava no indivíduo, quanto a “recusa do chamado”, uma vez que, mesmo com indícios de seu dom, Garrincha optava por seguir sua vida simples, utilizando o talento apenas como forma de manter seu emprego na fábrica da cidade.

No que diz respeito à etapa “bênção última”, Campbell deixa claro que o herói enfrenta seu grande desafio já com o *status* consolidado de homem superior, o que pressupõe o cumprimento da aventura com certa facilidade, sendo esta também uma das etapas que diferem o herói comum do eleito. Entretanto, a análise do grande desafio de Garrincha demonstrado no documentário aponta para uma realidade diferente da prevista para um herói eleito. Ao invés de um caminho fácil pela frente, o atleta brasileiro encara uma estreia sem brilho na competição, atua com forma física um pouco aquém do auge, sofre uma expulsão por agressão na semifinal e entra em campo com 39 graus de febre durante o decisivo jogo final.

Uma vez já comprovados os elementos de *Garrincha, alegria do povo* que apontam a passagem do futebolista pelas etapas de *Separação* e *Iniciação* do monomito, foquemos as reflexões na última etapa da estrutura, o *Retorno*, momento no qual as graças alcançadas (o elixir) são compartilhadas com o mundo. Mais uma vez, o protagonista da longa-metragem apresenta dificuldades. Na “passagem pelo limiar do retorno”, oportunidade na qual o herói concretiza seu regresso ao mundo comum, Garrincha afirma ter problemas com a fama e a falta de tranquilidade em seu cotidiano, apesar de entender que o povo precisa dessa paixão pelos ídolos para viver. O documentário também cita que, após dez anos de atuação pelo Botafogo (o que, tendo por base a estreia de Garrincha pelo clube alvinegro em 1953, nos situa em 1963, um ano após a conquista do bicampeonato mundial com a Seleção Brasileira), o jogador passa a se comportar com impaciência diante dos treinamentos e apresenta dificuldades em manter a forma física.

Por fim, o atleta também lida com obstáculos na etapa “liberdade para viver”, que pressupõe que o herói, dotado da sabedoria adquirida após o cumprimento da jornada, consiga compartilhar seu conhecimento. Mesmo após a conquista de sua “bênção última”, Mané Garrincha optou por continuar com sua tradicional vida em Pau Grande, atuando como meio-campista na equipe do município e vivendo ao lado da família.

\*\*\*

Diferentemente do documentário de Joaquim Pedro de Andrade, o extenso trabalho de pesquisa elaborado por Ruy Castro segue uma ordem cronológica linear bem definida, com utilização do recurso de *flashback* em momentos específicos apenas para narrar ou situar determinada história. Assim, verifica-se logo no início da biografia a busca da primeira etapa do item *Separação* da Jornada do Herói, o “chamado da aventura”. Conforme conta o autor, a demonstração do talento para jogar futebol surgiu quando Garrincha tinha apenas sete anos de idade e já garantia seu lugar nas partidas disputadas nas ruas de Pau Grande. As vivências do protagonista na fábrica da cidade e, conseqüentemente, na equipe de futebol da empresa são citadas no livro, mas não configuram o principal indício de passagem pela etapa “chamado da aventura”. A comprovação de tal passagem é mais sólida no primeiro contrato remunerado para ser jogador de futebol, firmado com o clube Serrano, oportunidade na qual foi evidenciada a possibilidade de o atleta alcançar ganhos maiores por meio de acordos profissionais.

A essa altura já passara para a meia-direita, e foi como meia-direita que outro clube de Petrópolis, o Serrano, o tirou do Cruzeiro em 1951. Mais expedito, o Serrano fez o que o Cruzeiro não tinha pensado em fazer: contratou-o de papel passado, registrou esse contrato na Liga Petropolitana de Futebol e deu-lhe até um salário simbólico: trinta cruzeiros por jogo e mais o almoço.<sup>17</sup>

Os episódios de “recusa do chamado”, no entanto, foram significativos. Após três meses no clube Serrano, Garrincha desistiu, motivado pelo cansaço de subir o morro todo domingo em direção à cidade de Petrópolis. O atleta também foi dispensado do Vasco, por não levar chuteiras no primeiro teste; do São Cristóvão, por uma atuação sem brilho nos treinamentos; do Fluminense, por iniciativa própria, após alegar ter sido enganado pelos membros do clube; até, enfim, realizar a “passagem pelo primeiro limiar” chegando ao Botafogo, onde ganhou destaque entre os profissionais da equipe.

A partir deste momento, começam os registros de Garrincha já na fase de *Iniciação* do monomito. O “caminho de provas” do futebolista

---

<sup>17</sup> CASTRO. *Estrela solitária*: um brasileiro chamado Garrincha, p. 39.

é marcado por momentos de grande brilho, como a vice-artilharia na disputa do seu primeiro campeonato carioca, e também algumas decepções, como o fraco desempenho no ano de 1954, fato que ocasionou a não convocação do atleta para a Seleção Brasileira que disputaria a Copa do Mundo de 1954, bem como suscitou uma série de críticas sobre a falta de objetividade do futebolista em campo.

No entanto, a comprovação de que o atleta soube “matar dragões e ultrapassar surpreendentes barreiras – repetidas vezes” –<sup>18</sup> veio com a primeira convocação para a Seleção Brasileira em setembro de 1955. As atuações de destaque de Garrincha com a camisa nacional, especialmente após o ano de 1957, data na qual foi campeão carioca com o Botafogo, asseguraram sua convocação para a disputa do Mundial de 1958. Mas, apesar da importância do atleta para a conquista da primeira Copa do Mundo do Brasil, os percalços também estiveram presentes na disputa, especialmente traduzidos no fato de o jogador ter ficado na reserva nos primeiros jogos da competição:

Estava engolindo com fel a condição de reserva. Não porque se achasse o dono da posição, mas porque o estavam privando do seu prazer de jogar. Ao convencer-se de que continuaria de fora contra a Inglaterra, disse a Hilton Gosling:<sup>19</sup> “Doutor Hilton, não seria melhor me mandar de volta?” Gosling pediu-lhe paciência e garantiu que sua hora chegaria.<sup>20</sup>

A relação de Garrincha com a figura feminina é algo que permeia a obra de Ruy Castro quase que em sua totalidade. A etapa “encontro com a Deusa” pode ser percebida na presença da cantora Elza Soares, tida como o grande amor da vida do atleta e responsável por, em diversas vezes, fornecer auxílio e incentivo para que o futebolista seguisse sua trajetória e mantivesse a paixão pelo seu dom, atuando como “o modelo dos modelos de perfeição, a resposta a todos os desejos, de onde provêm as bênçãos da busca terrena ou divina de todo herói”.<sup>21</sup>

---

<sup>18</sup> CAMPBELL. *O herói de mil faces*, p. 110.

<sup>19</sup> Ex-médico da Seleção Brasileira que esteve presente na Copa do Mundo de 1958.

<sup>20</sup> CASTRO. *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*, p. 157.

<sup>21</sup> CAMPBELL. *O herói de mil faces*, p. 112.

Mas a figura feminina também assume o papel de ameaça, devido ao caráter mulhengo de Garrincha. O próprio relacionamento com Elza Soares se iniciou com Mané ainda casado com Nair, mãe de oito filhas do atleta. Além deste, o protagonista também teve uma série de outros relacionamentos extraconjugais, tendo, inclusive, gerado um casal de filhos com sua amante Iraci e um filho sueco fruto da presença do jogador na Copa do Mundo de 1958, na Suécia. Tais relacionamentos feriram não apenas a imagem de Garrincha, mas também contribuíram para algumas derrocadas na carreira do futebolista. Eis a “mulher como tentação”, em que a figura feminina torna-se símbolo

[...] não mais de vitória, mas de derrota. Nesse momento, um sistema ético monástico-puritano, que nega o mundo, transfigura todas as imagens do mito. O herói não pode mais permanecer inocente diante da deusa da carne; pois ela se tornou a rainha do pecado.<sup>22</sup>

Assim, Garrincha chega para cumprir seu grande desafio na “bênção última”, tarefa na qual, apesar do êxito digno de um herói, também enfrentou seus reveses, embora com mais amenidade. As questões da estreia apagada e da dificuldade em se manter em forma são ofuscadas pelo brilhantismo exposto nos jogos após a contusão de Pelé.<sup>23</sup> O episódio da agressão<sup>24</sup> que ocasionou sua expulsão no jogo contra a equipe do Chile é descrito como “um tostão – um peteleco de joelho – na bunda. Rojas atirou-se ao chão como se a cordilheira dos Andes lhe tivesse desabado em cima”.<sup>25</sup> A presença de Garrincha na final da competição, mesmo após a expulsão no jogo anterior, é atribuída não apenas às forças externas que contribuíram para isso, mas especialmente ao fato de o futebolista ser conhecido como uma figura com histórico profissional de pouca violência.

---

<sup>22</sup> CAMPBELL. *O herói de mil faces*, p. 123.

<sup>23</sup> Logo na segunda partida do Mundial de 1962, contra a Tchecoslováquia, Pelé sofreu um estiramento na virilha e perdeu o restante da competição.

<sup>24</sup> Após marcar dois gols na partida semifinal da Copa do Mundo de 1962, Garrincha desferiu um pontapé no chileno Rojas como forma de revide pelas provocações e agressões ocorridas durante o jogo.

<sup>25</sup> CASTRO. *Estrela solitária*: um brasileiro chamado Garrincha, p. 256.

Garrincha era figura fácil de defender, por causa de sua ficha disciplinar impecável – ou quase. Murgel<sup>26</sup> não mentira ao dizer que até então ele nunca fora expulso de campo. Todo mundo acreditava nisso e, até hoje, a história de que aquela foi a sua primeira expulsão é dada como verdadeira. Acontece que, antes da partida contra o Chile, Garrincha já havia sido expulso de campo – três vezes.<sup>27</sup>

Já no que diz respeito à etapa *Retorno* do monomito, os exemplos que comprovam o sucesso do futebolista na etapa “passagem pelo limiar do retorno”, bem como o compartilhamento do elixir mencionado em “liberdade para viver”, são evidentes. Após a conquista de 1962, Ruy Castro cita o encontro da seleção campeã com o então presidente nacional, João Goulart, cerimônia que contou com o tradicional passeio em carro aberto do corpo de bombeiros. Eis aqui uma das mais célebres comemorações que atestam o retorno do herói do mundo da aventura e o compartilhamento da dádiva alcançada com os homens comuns.

Outro exemplo relatado na obra que atesta o referido compartilhamento do elixir ocorre já após a aposentadoria de Garrincha da carreira profissional. No ano de 1978, a LBA, sigla para Legião Brasileira de Assistência, idealizou a criação de escolinhas de futebol para meninos carentes que seriam chefiadas por ex-jogadores de renome. Garrincha foi um dos escolhidos e participou de uma oportunidade única para disseminar seu talento e passar adiante os ensinamentos obtidos em uma carreira de sucesso.

Entretanto, os obstáculos de Garrincha na etapa “senhor dos dois mundos” também são claros. A batalha para manutenção do peso ideal, superação da rotina de treinamentos e recuperação de graves lesões, especialmente nos joelhos, são citadas, mas o grande vilão da vida de Mané é o vício alcoólico. Ruy Castro menciona o fato de que o atleta bebia desde os primeiros anos de sua adolescência, um hábito comum na comunidade em que cresceu. Mas, especialmente no período final da carreira profissional, o gosto pela bebida atingiu o *status* de compulsão, o que, futuramente, levou o ex-jogador a situações de depressão, tentativa de suicídio e morte.

---

<sup>26</sup> Luiz Murgel, membro da delegação brasileira no Mundial de 1962.

<sup>27</sup> CASTRO. *Estrela solitária*: um brasileiro chamado Garrincha, p. 258.

Mais uma situação que deixa evidente a dificuldade encontrada por Garrincha para reinar tanto no mundo comum quanto no mundo da aventura é a convocação para a Copa de 1966, oportunidade na qual o atleta, praticamente sem condições físicas de jogo, sofreu sua primeira e única derrota com a camisa da Seleção Brasileira. Nessa partida, a segunda da seleção naquele Mundial, o Brasil perdeu para a Hungria por 3 a 1. É inegável, aqui, a demonstração da falibilidade do herói no crepúsculo de sua jornada.

### **Considerações finais**

Neste artigo, procuramos levar em conta alguns dos fatos presentes nas narrativas do documentário *Garrincha, alegria do povo* e no livro *Estrela solitária – um brasileiro chamado Garrincha*, a fim de refletir sobre a possibilidade de enquadramento do personagem Garrincha dentro do âmbito mitológico. A metodologia utilizada propôs uma aproximação entre a trajetória do atleta e a estrutura da Jornada do Herói de Joseph Campbell, privilegiando os pontos em comum identificados nesses processos.

A análise do documentário de Joaquim Pedro de Andrade sob a luz da Jornada do Herói não deixa dúvidas sobre o percurso de Garrincha pelo núcleo *Separação–Iniciação–Retorno* do monomito. O exame da biografia do atleta elaborada por Ruy Castro permite a mesma conclusão, porém com uma maior riqueza de detalhamento e com uma gama maior de exemplos para a demonstração das etapas da Jornada do Herói pelas quais passou o jogador – algo, obviamente, mais exequível num texto escrito. Tal fato pode ser explicado tanto pela proposta do biógrafo, que almejou a elaboração de um completo dossiê sobre a vida do atleta, bem como pelas diferenças características das plataformas audiovisual e impressa, já que, enquanto uma conta com recursos imagéticos em movimento e sonoros para enriquecimento da experiência de fruição, a outra possibilita uma abordagem mais profunda e com extensão não limitada a um determinado número de minutos ou questões técnicas de filmagem.

Nas duas trajetórias analisadas, a vivência de Garrincha em cada fase do monomito não apresenta distinções significativas do modelo proposto por Campbell. Portanto, é possível crer no sucesso do futebolista na Jornada do Herói, preceito que o classificaria como uma figura com potencial mitológico. Garrincha é visto sempre como um jogador

humilde, simples – homem do povo. Em contrapartida, é mostrado também como um atleta avesso aos treinos e à concentração, rebelde às táticas e guloso. Essa resistência às normas instituídas é compensada pelos dribles desconcertantes do jogador – apanágio da gestualidade e corporeidade libertária do brasileiro. No entanto, as dificuldades apresentadas pelo atleta tanto na fase “bênção última” quanto em “senhor dos dois mundos” e “liberdade para viver” acabam por credenciá-lo a atingir “apenas” o *status* de herói comum. Conforme explicitado neste artigo, apenas os heróis eleitos são capazes de cumprir o grande desafio da jornada sem notáveis dificuldades, para depois retornar do mundo da aventura cientes da responsabilidade de compartilhar o elixir obtido com os demais e transitar livremente entre os dois mundos já conhecidos. Daí que a carreira profissional e a vida pessoal de Garrincha, pela curiosa humanização que lhe imprimem o documentário e a biografia, parecem mais afeitas ao cumprimento das etapas que caracterizam esse tipo particular de herói – ainda um pouco distante do panteão dos mitos.

## Referências

- BARTHES, Roland. *Mitologias*. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.
- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, 2007.
- CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CAMPBELL, Joseph. *Mito e transformação*. São Paulo: Ágora, 2008.
- CASTRO, Ruy. *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- ELIADE, Mircea. *Aspectos do mito*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- GARRINCHA, alegria do povo. Direção: Joaquim Pedro de Andrade. Produção: Armando Nogueira e Luiz Carlos Barreto. Rio de Janeiro: Produções Cinematográficas Herbert Richers, Produções Cinematográficas Luiz Carlos Barreto, 1963. VHS (61 min.), 35 mm.
- MELO, Victor Andrade de. Garrincha x Pelé: futebol, cinema, literatura e a construção da identidade nacional. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 20, n. 4, p. 281-295, out.-dez. 2006.



O ÍDOLO Mané Garrincha. Estádio Nacional de Brasília, [s.d.]. Disponível em: <<http://estadionacionaldebrasil.com/o-idolo-mane-garrincha/>>. Acesso em: 1 jul. 2016.

RUBIO, Katia. *O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

VOGLER, Christopher. *A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.